

**TARZYS REIS PINHEIRO**

**BRUNO DE MENEZES LITERATO E REVOLUCIONÁRIO: O conflito de identidades em  
*Candunga* e sua militância política.**

**BELÉM**

**2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**FACULDADE DE HISTÓRIA**

**TARZYS REIS PINHEIRO**

**BRUNO DE MENEZES LITERATO E REVOLUCIONÁRIO: O conflito de identidades em**  
*Candunga* e sua militância política.

Artigo realizado para a disciplina de “Historiografia  
Amazônica, ministrada pelo Profº Drº Fernando Arthur  
de Freitas Neves, como requisito avaliativo.

**BELÉM**  
**2010**

## Introdução

Este artigo pretende realizar um breve comentário sobre a obra de Bruno de Menezes “*Candunga*”<sup>1</sup> e o conflito de identidades entre os caboclos amazônicos e os nordestinos, que se percebe em suas páginas, decorrente da vinda dos últimos para a região, que começou no período áureo da borracha, e como isto ajudou a conformar uma cultura híbrida na Amazônia.

Em um outro momento comentar sobre a trajetória de Bruno de Menezes como intelectual e literato Paraense, e revolucionário anarquista, através do Artigo “Arte, literatura e revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923” escrito por Aldrin Figueiredo<sup>2</sup>. No citado artigo Bruno é considerado um dos precursores do movimento modernista em Belém, o autor percebe sua produção intelectual, como filha de um tempo de grande efervescência política. Entre suas principais leituras estavam importantes autores, lidos pelos Anarquistas, tornou-se militante engajado nos sindicatos de trabalhadores, escrevendo em muitos periódicos citadinos naquele período, difundindo idéias consideradas anárquicas, por ser militante do anarco-sindicalismo.

## Desenvolvimento

Bruno de Menezes nasceu em Belém -PA, no ano de 1893 e faleceu em Manaus -AM, em 1963. cresceu no bairro do [Juruna](#). Filho de Dionísio Cavalcante de Menezes e Maria Balbino da Conceição Menezes.

Cursou apenas o primário no grupo escolar José Veríssimo. Ainda menino se tornou aprendiz de [encadernador](#), nessa profissão manteve um contato maior com livros, o que colaborou em muito para que seu gosto pela literatura e o seu desejo de saber aumentassem.

Publicou em 1920 seu primeiro livro de poesia, *Crucifixo*, em Belém PA. Na época, já era membro da Academia dos Poetas Paraenses. Em 1923 fundou a revista literária *Belém Nova*, responsável pela divulgação da poesia modernista após a década de 20. Publicou, no ano seguinte, *Bailado Lunar*; seguiram-se *Poesia* (1931), *Batuque* (1939), *Lua Sonâmbula* (1953), *Poema para Fortaleza* (1957) e *Onze Sonetos* (1960). Nos anos seguintes escreveu peças teatrais juninas para o grupo *Pirapema* e, em 1950, publicou a novela *Maria*. Em 1954 tornou-se membro do Instituto

---

1 MENEZES, B de. *Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina*. Belém, SECULT, 1993

2 FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Arte, Literatura e Revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923*. In: Edilza Joana de Oliveira Fontes; José Maia Bezerra Neto. (Org.). *Diálogos entre história, literatura & memória*. 1 ed. Belém: Paka-Tatu, 2007, v. 1, p. 293-307

Histórico e Geográfico do Pará e da Comissão Paraense de Folclore e lançou o romance *Candunga*, com o qual ganhou o Prêmio Estado do Pará. Foi presidente da Academia Paraense de Letras entre 1956 e 1957. Publicou diversos livros sobre folclore, em 1958 e 1959, entre os quais *Boi Bumbá* e *Auto Popular*. Bruno de Menezes pertence à segunda geração do modernismo brasileiro. Segundo o crítico Dante Costa, ele realizou em sua obra uma transposição “das vivências do negro no Brasil, do fato folclórico, da realidade que não interessa apenas ao crítico literário, mas também e principalmente ao sociólogo, ao estudioso dos hábitos e costumes, ao etnógrafo do negro brasileiro”.<sup>3</sup>

Como supracitado este artigo, se deterá sobre uma de suas obras “*Candunga*” um romance, escrito segundo Azevedo, em 1939, mas sua primeira publicação data de 1954<sup>4</sup>. O romance representa a migração nordestina para a Amazônia, mais precisamente à Zona Bragantina, neste momento os flagelados são movidos à ilusão de que a floresta é um amontoado de terras úberes de clima sereno, o solo acolhedor, ofertório do teto, do pão, da calmaria, o fim da errância. E vêem-se tangidos às zonas rurais do Pará e submetidos à violência da grilagem e do latifúndio. O romance trata das agruras vividas por uma família de retirantes cearenses, que abandona o nordeste por conta da seca e vive momentos atribulados em solo amazônico durante o povoamento ao longo da Estrada de Ferro de Bragança.

Não foi à toa a escolha de Bruno de Menezes por uma família do Ceará como a protagonista do romance *Candunga*, pois sabe-se que grande parte dos nordestinos que vieram para a Amazônia era composta por cearenses, e isto se concretiza pelo fato de o escritor ter, *in loco*, participado de inúmeras visitas pelo percurso da estrada de ferro em nome do governo do estado do Pará.

Com o início do ciclo da borracha, a partir de 1844, uma grande leva de nordestinos migrou à Amazônia para servir de mão-de-obra, estes podem ser considerados grandes responsáveis pela *Belle époque* amazônica. Segundo Rodrigo Wanzeler:

“A histórica seca de 1877, também, provocou uma grande debandada de pessoas oriundas do nordeste rumo ao solo amazônico. Fixando o foco na Zona Bragantina, um número considerável de migrantes veio como parte do projeto de colonização desta área devido à construção da estrada de ferro que uniria os municípios de Belém e Bragança.

---

3 <http://www.astormentas.com/din/biografia.asp?autor=Bruno+de+Menezes> acessado no dia 19/01/2010

4 AZEVEDO, J. E. de. Literatura Paraense. Belém. SECULT, 1990.

Outra parte veio a reboque do imaginário que, ainda hoje, perpassa sobre a região amazônica, lugar de fartura, progresso, solução para todo e qualquer problema vivido por aquele que a ela chega.”  
(WANZELER, 2008, p.3)<sup>5</sup>

Outro ponto marcante em *Candunga é o* fortalecimento de uma identidade em função da outra, o conflito de identidades entre o caboclo da Amazônia e a identidade nordestina. Dentro do espaço da Zona Bragantina o outro é o nordestino, aquele que possui costumes e valores que diferem naquela região em relação à cultura hegemônica do caboclo. O narrador reflete em sua fala durante a saga contada no romance, ao mesmo tempo, pesar pela situação do nordestino e inquietação no que diz respeito ao fator sociocultural. No entanto, fica bem delimitado na obra um posicionamento de afirmação da cultura cabocla. Em Menezes se percebe esta afirmação.

Conscientemente, para esse povo cigano, se punha deixar o sertão, acabado de fome e sede, seria com a mesma resignação fatalista, que aceitariam outro habitat numa região menos agressiva, onde o sol dos martírios, não queimasse tanto os roçados e nem reduzisse a ressequido leito o fundo arenoso das cacimbas (MENEZES, 1993. p. 108)

O êxodo de lavradores do nordeste, em consequência dos anos de penetração e do povoamento precário na zona bragantina, com a introdução de hábitos tipicamente ‘cearenses’, como se tornou generalidade chamar aos métodos desses inconstantes migradores, tem transformado completamente a primitiva fisionomia social da região (MENEZES, 1993. p. 202).

Percebe-se em *Candunga*, a visão do caboclo, sobre o emigrante nordestino, como o outro, alguém alheio aquela terra, que interfere não apenas na questão cultural, como no próprio espaço geográfico sendo entendido como o degradador, aquele que mudou a fisionomia da região, queimou a mata e “mesclou” seus hábitos “cearenses” aos costumes do caboclo sensível. Veja em Menezes:

---

5 WANZELER, Rodrigo. Heterogeneidade Amazônica: cultura(s) e identidade(s) em *Candunga*, de Bruno de Menezes; XI Congresso internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências USP-São Paulo 2008

Os seus costumes, a sua religião, a sua índole, são outros. Em lugar do foguetório, preferem disparar as armas, gastando balas, ao contrário do caboclo que se amolece todo por um foguete, um samba, um “chorinho” tocado melosamente, num clarinete, num cavaquinho, num violão bem penteado. Eis porque, na zona bragantina, a dentro das colônias os divertimentos festivos são pouco animados; as músicas que executam nas sanfonas e nas violas, só arrastam os pares no passo do “baião”, do “corrido”, num ritmo desajeitado (MENEZES, 1993. p. 203).

Desta relação a de se perceber o que ficou, o hibridismo ocorrido entre o caboclo e o nordestino. Resultado do contato entre culturas e identidades diversas, mas isso não é algo matematicamente exato, não se pode mensurar em que nível se dava essa hibridização, por ser algo fluido, tão fluido como o próprio sentimento de identidade que com o passar do tempo começa a se reinventar, sobre uma outra perspectiva. No entanto na época do romance, esta questão de identidade torna-se, então, uma questão de sobrevivência. Identificar-se com o outro, fazer parte de uma mesma comunidade, estar junto para estar seguro.

Dar-se a partir deste momento, uma relação de troca onde o nordestino repassa seus conhecimentos sobre a terra, e o caboclo seus mistérios sobre as florestas, tornando assim a cultura da amazônia mais rica e híbrida. Paes Loureiro elucidada esta questão:

É evidente que esta (a cultura amazônica) é também produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mas especialmente, no período da borracha, migraram para a Amazônia. Com eles aprenderam a cultivar a terra – de forma rústica – razão pela qual se auto-definem nas zonas interioranas como “colonos”; ao lado disso, os nordestinos – tradicionalmente agricultores – assimilaram um certo conhecimento sobre a floresta e dedicaram-se também ao extrativismo. (LOUREIRO, 1994. p. 27).<sup>6</sup>

No artigo do professor Aldrin Figueiredo, se percebe um Bruno de Menezes, bem mais envolvido, fazendo assim como diz o título do artigo, um misto de arte, literatura e revolução, trabalhando estas três facetas, que existiam na produção de Bruno. Vinha de uma família muito humilde

---

6 LOUREIRO, J. J. P. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém. CEJUP, 1994.

o que possibilitou que ele se torna-se aprendiz de tipógrafo na livraria moderna<sup>7</sup>, de Sabino Silva, onde sofria alguns castigos impostos pelo seu chefe. Foi neste espaço que Bruno teve acesso a importantes leituras como Vicente Blasco Ibáñez; Liev Tolstoi, Maksim Gorki e Karl Marx e Friedrich Engels, para além destes, conheceu muitos outros autores reverenciados no universo anarquista.

Aderiu as leituras, e começou a fazer parte da Cooperativa Tipográfica, uma sociedade de classe que reunia os trabalhadores empregados nas oficinas gráficas da cidade, e daí ingressou no sindicalismo. Deixou sua profissão e começou a dar aula de primeiras letras na Escola Francisco Ferrer, nome em homenagem ao famoso educador anarquista espanhol que havia sido fuzilado na prisão em 1909, em Barcelona.<sup>8</sup>

Como professor Bruno começou sua militância no anarquismo sindicalista, aproximou-se dos dois maiores movimentos operários no Pará, os anarco-comunistas e os anarquistas sindicalistas, partindo disso, pode-se considerar que “Literatura e revolução foram, portanto no pensamento do jovem Bruno de Menezes, faces de uma mesma moeda”(FIGUEIREDO, p.295). Engajado na luta proletária, saiu das fronteiras das gazetas e começou a participar ativamente do processo de luta, proferiu muitas palestras , onde o autor dar destaque, a palestra para a mulher operária, realizada na sede da União dos Chauffeurs, ficaria conhecida, sendo publicada na íntegra no *Semeador* em dezembro de 1919, o recado mais importante, que deveria ser “transmitido a todas companheiras não presentes”, era exatamente o da afirmação da identidade da mulher operária, “lutadora, liberta da escravatura social”.<sup>9</sup>

Com influências no simbolismo principalmente de Cruz e Sousa, poeta negro muito apreciado por Bruno ele escreve seu primeiro livro de poemas *Crucifixo*, o conjunto de poemas apresentava uma visão introspectiva do universo, sob um ponto de vista pessoal, humano e terreno. As lutas sociais de sua experiência anarquista misturavam-se à trajetória de um cristo também revolucionário, sofredor, rejeitado por suas idéias.

Apesar de se saber do nascimento “oficial” do modernismo na semana de arte moderna em São Paulo em 1922, é muito problemático segundo o autor afirmar, que este movimento só passa a existir a partir desta data, faz referências a algumas pessoas em Belém, como o próprio Bruno de Menezes que apesar de acreditarem firmemente na gênese paulista, todos concordavam que existiram outras tentativas de renovação pelo Brasil afora . A geração de Bruno de Menezes no Pará, assiste atônita à construção de um República que estava muito longe da ideologia de liberdade que se pregava, o que fez

---

7 Ibidem. p. 294

8 Ibidem.

9 Ibidem p.299

com que fossem de encontro a vários aspectos do governo das oligarquias locais, e foram declarados antipatriotas e desertores da causa brasileira. Bruno de Menezes fez de seu amor as letras, a literatura uma importante arma para sua luta política, sempre compromissada com as classes populares.

### **Conclusão**

É possível retirar das obras de Bruno, um amalgamado de informações sobre períodos históricos diversos, por ser um intelectual, envolvido com as causas populares, principalmente por sua origem humilde, suas obras literárias nos torna possível perceber, a construção cultural e de identidades, em uma Belém pós Belle Époque.

Quando chegamos a um outro momento e percebemos um Bruno de Menezes militante do anarquismo sindicalista, isto nos proporciona uma visão privilegiada, de uma época de extrema efervescência política, onde as lutas travadas pelos sindicatos de operários mobilizavam multidões de trabalhadores, exemplo disso a conhecida greve geral de 1917. Sua contribuição como homem das letras, escrevendo em vários periódicos da cidade e proferindo palestras para outros militantes, contribui para os estudos hoje sobre o período, e as articulações políticas do momento. Bruno deu uma importante contribuição em muitos ramos da cultura paraense por meio da sua produção literária, assim como para o seu amadurecimento político, através de sua militância, em um tempo em que se lutava contra a jovem república, que não se revelava dos sonhos . Sem dúvida é considerado um grande literato e um importante revolucionário.



**Obras Consultadas:**

**AZEVEDO**, J. E. de. Literatura Paraense. Belém. SECULT, 1990.

**FIGUEIREDO**, Aldrin Moura de. Arte, Literatura e Revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: Edilza Joana de Oliveira Fontes; José Maia Bezerra Neto. (Org.). Diálogos entre história, literatura & memória. 1 ed. Belém: Paka-Tatu, 2007, v. 1, p. 293-307

**LOUREIRO**, J. J. P. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém. CEJUP, 1994.

**MENEZES**, Bruno de. Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina. Belém, SECULT, 1993.

**WANZELER**, Rodrigo. Heterogeneidade Amazônica: cultura(s) e identidade(s) em Candunga, de Bruno de Menezes; XI Congresso internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências USP-São Paulo 2008.

**Site Visitado:**

<http://www.astormentas.com/din/biografia.asp?autor=Bruno+de+Menezes> acessado no dia 19/01/2010

